

CLIPPER BOOK MIRANDA				 Miranda & Associados Sociedade de Advogados RL
MEDIA	JORNAL DE NEGÓCIOS			
Nº PAG.	22 / 23	DATA	3 fevereiro 2016	

22 | QUARTA-FEIRA | 3 FEV 2016

negócios

MERCADOS

BOLSA

“Agora é que as acções do BES não valem mesmo nada”

Um ano e meio depois da resolução, a decisão de exclusão do BES da bolsa não era inesperada. Mas foi “um balde de água fria” para os investidores que agora têm ainda menos esperanças de recuperarem os seus investimentos.

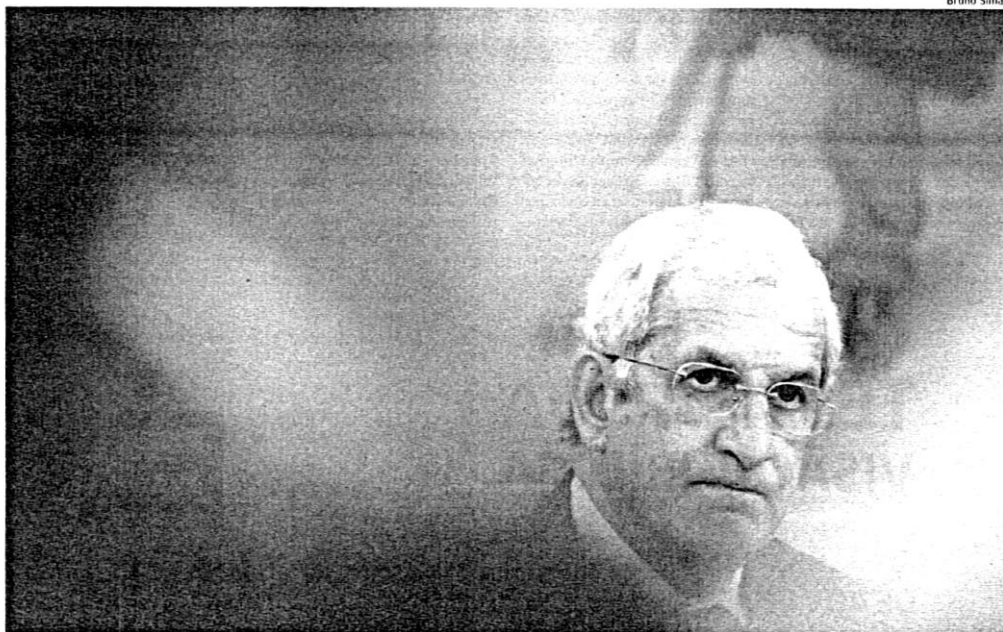
RAQUEL GODINHO
rgodinho@negocios.pt

Um ano e meio depois chegou, pela voz da CMVM, a decisão que milhares de investidores do BES esperavam, mas não queriam ouvir: as acções não voltarão a negociar. O regulador do mercado de capitais decretou a exclusão dos títulos da bolsa nacional, um ano e meio depois de terem sido suspensas. Um “balde de água fria” para milhares de investidores que temem não recuperar nada do investimento que fizeram em acções do banco.

“Agora é que as acções não valem mesmo nada”, desabafa António Martins (nome fictício). O investidor tinha, a 1 de Agosto de 2014, quando a CMVM suspendeu a negociação, 22 mil acções em carteira. “Investi depois das declarações do Presidente da República e do governador do Banco de Portugal de que o BES estava solvente”, conta. Gastou 13.200 euros que não sabe se vai recuperar.

Já José Silva (nome fictício) tinha mais de 6.800 acções do banco. “Sempre tive acções do BES, sempre participei nas operações de reforço de capital e a última não foi excepção”, lembra este accionista que chegou a trabalhar no banco. “A esperança é a última a morrer, mas estou preocupado. Não sei o que vai acontecer e, se acontecer, vai demorar muito tempo”, lamenta.

Quando a 1 de Agosto de 2014, a CMVM suspendeu as acções, à espera de informação relevante, os accionistas estariam longe de imaginar que estas não voltariam a ser negociadas em bolsa. Dois dias depois, o Banco de Portugal anunciou a medida de resolução do BES. Perante a falta de informação sobre o que seria o banco à



A CMVM, liderada por Carlos Tavares, anunciou no arranque desta semana a exclusão definitiva das acções do BES da bolsa de Lisboa.

data da resolução, o regulador foi prolongando a suspensão a cada dez dias.

Uma situação que deixou os títulos que os investidores detinham em carteira bloqueados. A cotação era de 0,12 euros, à data da suspensão, e passou esse a ser o último preço dos títulos. Mas não era esse o valor considerado. “Investi quase 4.000 euros e passei a ter cinco mil acções que valiam 50 euros até agora, cada uma estava avaliada em um cêntimo”, explica Mário Antunes (nome fictício).

Com a decisão do Banco de Portugal, a 29 de Dezembro de 2015, de retransmitir para o BES a responsabilidade correspondente a cinco emissões de obrigações não subordinadas ficou determinado definitiva-

mente o perímetro de activos, passivos, elementos extrapatrimoniais e activos sob gestão transferidos para o Novo Banco. Um dia depois, o BES revelou que, no final de 2014, apresentava “uma situação patrimonial negativa de 2.679.175 milhares de euros”. Dados suficientes para que a CMVM colocasse termo à indefinição que se arrastava.

À espera

Com as acções fora de bolsa, sem possibilidade de qualquer regresso à negociação, só a recuperação de valores da massa falida do banco poderá colmatar as perdas dos investidores, mas será difícil que tal aconteça. Os accionistas do BES estão no fim

0,12

ÚLTIMA COTAÇÃO

Quando a CMVM suspendeu as acções do BES à espera de informação relevante, a 1 de Agosto de 2014, estas negociavam nos 0,12 cêntimos, a última cotação em bolsa.

da lista de credores. Antes deles estão ainda os detentores de dívida subordinada. E sem haver a liquidação, manter-se-ão como accionistas, sem poderem sequer abater a perda noutros ganhos obtidos com investimentos mobiliários.

“Embora isso [exclusão de bolsa] se traduza numa óbvia perda de valor das acções, estaremos ainda perante uma menos-valia latente”, esclarecem Mariana Gouveia de Oliveira e Ana Raquel Costa. Ou seja, realçam as advogadas da Miranda especialistas em Direito Fiscal, “para efeitos fiscais, as menos-valias só relevam quando se encontrem realizadas, o que irá suceder quando de facto for encerrada a liquidação do BES”. ■

Bruno Simão

BOLSA

Como o petróleo está a arrasar com as bolsas mundiais

A descida abrupta das cotações está a fustigar as petrolíferas. Quedas que estão a pesar nas bolsas, mas também no sentimento dos investidores que procuram fugir aos ecrãs "vermelhos".

TOME NOTA

Três coisas que os accionistas do BES devem saber

As ações do BES valem quase nada. A única possibilidade para os accionistas não perderem tudo reside na recuperação de valores da massa falida. E, fiscalmente, não podem declarar nada.

DESPESAS DE BOLSA MANTÊM-SE

Uma vez que as ações do BES continuam a existir, os investidores continuam a ter de passar as despesas de negociação, nomeadamente as comissões de custódia de títulos. Ainda assim, por questões comerciais, as instituições podem optar por isentar alguns clientes em determinadas situações.

RECONHECIMENTO DA PERDA SÓ DEPOIS DA LIQUIDAÇÃO

Ainda que haja uma menos-valia potencial com o investimento em ações do BES agora que estas estão oficialmente excluídas de bolsa, esta apenas será definitiva com a liquidação do banco. Nesse sentido, só nessa altura é que os accionistas poderão reconhecer fiscalmente a perda em que terão incorrido.

POSSIBILIDADE DE RECUPERAÇÃO É REDUZIDA

Quando a 1 de Agosto de 2014, a CMVM determinou a suspensão das ações do BES, estas negociavam nos 0,12 euros. Com a decisão de exclusão, passam a valer quase nada. Mas os investidores continuam a ter ações de um banco, que tem activos tóxicos, e só a liquidação destes pode ressarir parte das suas perdas. Contudo, os accionistas são os últimos na lista dos credores, só podendo receber algo depois de quem tem obrigações subordinadas.

A BP registou os maiores prejuízos em mais de duas décadas. Perdas avultadas que têm uma explicação: a queda do petróleo. É a mesma que muitas outras empresas do sector têm apontado para o mau desempenho das contas, facto que está a levar a quedas expressivas das ações nos mercados internacionais. Descidas abruptas que alimentam os receios quanto ao enfraquecimento das economias, fazendo soar os alarmes dos investidores. E, assim, arrasando com os índices mundiais, cada vez mais reféns da cotação do barril que depois dos 100 está agora nos 30 dólares com a oferta em excesso a destronar a parca procura.

Se os preços do petróleo muito elevados penalizaram, as cotações muito baixas também não estão a ajudar. É que, além das petrolíferas, algumas delas acabaram por falir, estão a pesar nas restantes empresas. Várias cotadas, nomeadamente grandes companhias internacionais, têm vindo a revelar contas aquém do esperado fruto do abrandamento das suas receitas em países muito dependentes do "ouro negro". As economias destes países estão a dar sinais de enfraquecimento, isto numa altura em que aumentam as preocupações com o segundo maior "motor" mundial, a China.

O resultado está a ser uma estagnação dos lucros das empresas. Somada aos sinais preocupantes da economia, de cada vez que os preços do petróleo afundam nos mercados, as bolsas seguem a tendência. É isso que se tem visto nos últimos tempos. A correlação entre o desempenho do preço do barril e os principais índices mundiais prova isso mesmo. Se há um ano a correlação entre o S&P 500 era de 0,239, ou seja, pouco significativa, este ano duplicou. Passou para

0,515, sendo um a correlação perfeita. Enquanto o WTI cai 19%, o S&P 500 perde 6,9%.

Mas a correlação é ainda mais expressiva quando feita com base nas bolsas do Velho Continente, que perdem 8,5% em 2016. Há um ano, a correlação do petróleo com o Stoxx 600 era negativa em 0,155, ou seja, a tendência entre petróleo e bolsas era inversa, mas agora passou para 0,609 (considerando o desempenho desde o início do ano). E a bolsa nacional, apesar de ter apenas a Galp Energia, é ainda mais elevada: 0,661. Neste caso é preciso também ter em conta que o PSI-20 faz o que o Stoxx 600 "manda". A correlação é de 0,71.

É a economia

"O papel do petróleo nos movimentos dos mercados está a ser exagerado", diz Andrew Sheets, estrategista de multiactivos do Morgan Stanley. "Mas o seu lugar no debate macroeconómico continua a ser de destaque", acrescenta, numa nota enviada aos clientes obtida pelo Negócios. "Na nossa perspec-

tiva, o petróleo e os mercados estão a mexer-se em consonância porque estão a ser conduzidos por motivos idênticos: receios em torno do crescimento da economia, a falta de apetite para o risco e um dólar forte", remata.

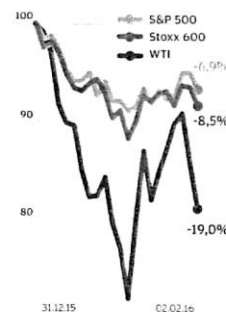
Os receios macroeconómicos, associados ao impacto do petróleo barato nas perspectivas para a inflação, têm levado a uma resposta forte por parte da generalidade dos bancos centrais. O Banco do Japão foi o último a intervir, cortando a taxa de juro para -0,1% e o BCE já prometeu mais estímulos, já na próxima reunião. Mas nem isso tem permitido uma mudança de direcção nos mercados accionistas, muitos deles em "mercado urso". A Fed, que subiu os juros em Dezembro, poderia dar uma ajuda, mas Janet Yellen não está preocupada: "Os receios de deflação, na nossa perspectiva, são difíceis de avaliar com a resiliência da taxa 'core' [que exclui a alimentação e os produtos energéticos]", disse na última reunião.

PAULO MOUTINHO

QUEDA DO PETRÓLEO TRAVA BOLSAS

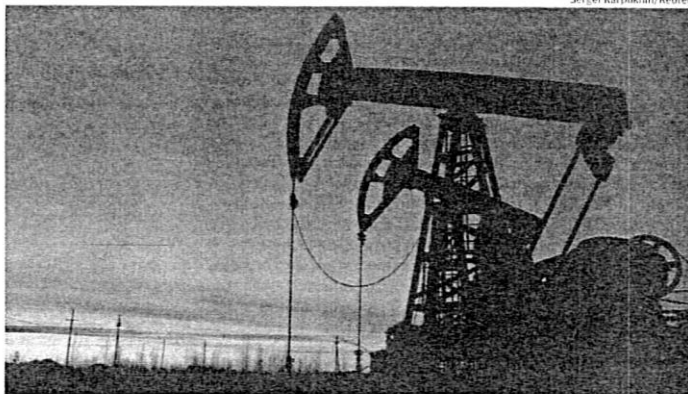
Evolução em base 100, em 2016

A queda dos preços do petróleo já não é de agora, mas tem tido cada vez maior impacto nos mercados accionistas. A correlação entre a cotação da matéria-prima e os índices tem vindo a aumentar, levando a que enquanto o WTI, em Nova Iorque, perde 19%, o S&P 500, no EUA, recua 6,9%, em 2016. O Stoxx 600 está mais sensível às cotações: cai 8,5%.



Fonte: Bloomberg

Sergei Karpuhin/Reuters



Os preços baixos do petróleo, fruto do excesso da oferta, aumentam os receios em torno da economia, pesando nas bolsas.